



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8892 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

Habitar a profissão docente na roça: experiências do ser-docente no Ensino Fundamental

Charles Maycon de Almeida Mota - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

Resumo

Com esta pesquisa, buscamos compreender como professores/as que atuam em escolas da roça constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência, bem como, produzem experiências de ser-docente numa perspectiva de um *ser-mais* que é manifestado no ente que habita os espaços rurais. O estudo utiliza como método a Pesquisa Narrativa como vertente da abordagem (auto)biográfica associada à abordagem qualitativa por possibilitar pensar a respeito da construção de uma concepção de *ruralidade da presença* que institui o *ser-na-roça* a partir dos estudos de Heidegger (2015). Este estudo ancora-se nas bases da fenomenologia e hermenêutica por buscar interpretar o ser em seu contexto de vida e a partir dos sentidos atribuídos à sua condição de existir em contextos rurais. A pesquisa foi desenvolvida através das Entrevistas narrativas e etno-grafias da roça. Esta pesquisa contou com a participação de dois colaboradores/as, professores/as do Ensino Fundamental, que atuam e moram em comunidades rurais. Diante disso, os resultados parciais desse estudo indicam que habitar a profissão docente na roça requer um movimento de constituição contínua do *ser-com*, a partir da presentificação das ruralidades que habitam os/as docentes em seus pertencimentos, em suas trajetórias e narrativas.

Palavras-chave: Docência na roça. Ensino Fundamental. Ruralidades. Pesquisa Narrativa

Este texto é um recorte de uma pesquisa de doutoramento em fase de conclusão que tem como objetivo geral compreender como professores e professoras que atuam em escolas da roça[1] constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência e produzem experiências de ser-docente numa perspectiva do *ser-mais*[2] que habita espaços rurais.

O presente estudo insurge de um contexto anunciado por docentes da Educação Básica que atuam no ensino Fundamental nas escolas da roça e moram em comunidades rurais, motivado pela história de vida-formação-profissão dos pesquisadores/as por compreender a

diversidade como um princípio que tem atravessado as experiências com variados sentidos, podendo desencadear um movimento formativo a partir da pro-posição de uma *ruralidade da presença*[3] que se coloca através da presentificação do *ser-na-roça*[4], em que a autobioformação[5] se apresentará como espaço fecundo para re-pensar a formação que valorize as pessoas e as experiências que lhe constituem e disso provocam des-velamentos de um ser-docente.

Neste contexto, buscamos investigar, com este recorte de pesquisa, de que modo a presentificação do ser-na-roça atravessa a docência nas escolas da roça e analisar as experiências de ser-docente em uma perspectiva do ser-mais que habita espaços rurais. O estudo parte de uma compreensão teórica a partir dos estudos de Heidegger (2015) em que tem nos dado sustentação teórica para uma construção conceitual com base na compreensão do ser por ele mesmo ao narrar suas vidas e seus modos de existir na roça, perpassando pelas relações que somos con-vocados a construir com o lugar que habitamos.

Caminhos e enveradamentos metodológicos na Pesquisa Narrativa

Esta pesquisa está ancorada na Pesquisa Narrativa como vertente da (Auto)biografia por possibilitar um estudo com centralidade nos processos de vida das pessoas que habitam a roça, propondo-se um movimento de compreensão e interpretação que leve em conta a subjetividade dessas pessoas. Partimos da concepção de investigação narrativa como um processo de compreensão da experiência produzida sobre/na a vida.

Por isso, a pesquisa ancora-se nas bases da fenomenologia e hermenêutica por buscar interpretar o ser em seu contexto de vida a partir dos sentidos atribuídos à sua condição de existir em contextos rurais. A busca por uma base epistemológica que congregue a ontologia do ser-na-roça e uma análise consubstanciada dos achados da pesquisa, levando em conta as realidades e modos de ser e viver na roça é de suma importância para essa investigação, pois tomamos como premissa posta por Gadamer (2013) de que cada conteúdo/espaço constitui sua hermenêutica.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da realização das entrevistas narrativas e etnografias da roça com a pretensão de re-flexionar sobre o ser-na-roça que cada professor/a constitui a partir de seu habitar a roça e desenvolver a docência no Ensino Fundamental em contextos rurais, para compreender quais as experiências de escolas rurais são produzidas na relação entre ser-docente e as formas de habitar a roça. O segundo momento da pesquisa teve a pretensão de impulsionar discussões e reflexão a respeito de núcleos de sentidos que emergiram das narrativas, sendo constituído como um espaço formativo na perspectiva da autobioformação, em que os sujeitos das narrativas – participantes da pesquisa – tiveram oportunidade de fazer exposição de suas compreensões de mundo habitado, tomando por base suas experiências de vida e formação. Os sujeitos das narrativas desta pesquisa foram dois professores/as de escolas da roça que desenvolvem a docência na rede de ensino municipal de Várzea do Poço, interior da Bahia, cujos critérios de seleção foram: a) ser professor/a do Ensino Fundamental de escolas rurais municipais; b) atuar há mais de três anos em qualquer uma das três escolas rurais existentes no município.

Cultivar a roça como modo de habitar a profissão docente

Desenvolver a docência em contextos rurais é conviver constantemente com o desafio de construir formas de habitar a profissão docente na roça pelo lugar da insurgência e re-significação do que está dis-posto neste ambiente. Ouvir as narrativas de professores/as da roça nos permite perceber condições outras de desenvolver a docência em territórios rurais, entendendo a forma como cada professor/a re-significa e re-inventa modos de fazer docente, produzindo maneiras próprias de um movimento de formar e formar-se conforme os contextos que estão inseridos, evocando para isso, formas de habitar a roça e a profissão docente na roça.

Neste sentido, o professor Sebastião-Acauã[6] narra como desenvolve seu fazer docente na disciplina de Matemática, considerando os contextos e condições de sua comunidade, evidenciando as contribuições que a formação tem e, também, seus modos de habitar o lugar e a produção de sentidos e significados que representam suas existencialidades na roça.

Nós sabemos que lecionar matérias da área de exatas não é fácil, então eu procuro tornar minhas aulas mais lúdicas possível, uma vez que quando nós fizemos uma faculdade sabemos que não é fácil encarar uma aula de matemática, é cansativa. Então eu procuro me aperfeiçoar e levar para os meus alunos da melhor forma possível o entendimento. E na comunidade eu procuro desempenhar o meu papel nem só como professor de matemática, mas como pessoa, como um cidadão eu procuro desempenhar da melhor forma esse papel. Na comunidade eu procuro desenvolver e fazer da melhor forma e me engajar em todos os acontecimentos que porventura eu possa está colaborando. (Sebastião-Acauã, entrevista narrativa, 2020)

As narrativas de Sebastião-Acauã vão apresentando maneiras de entendimento de um professor de Matemática que percebe a visão que foi construída em torno da área de exatas, pelas condições específicas de transposição didática que é preciso realizar para que os/as estudantes consigam acessar os conhecimentos dessas áreas e compreendam formas de aplicabilidade que estão para além da reprodução de cálculos e memorização de fórmulas.

Comprendemos que aqui o professor, também, traz em evidência as dificuldades que já enfrentou para entender fórmulas e cálculos dessas áreas, notando a importância que uma formação docente tem para seu aprimoramento na área que atua, considerando o teor do que precisa ser apresentado para os/as estudantes do Ensino Fundamental.

Tudo isso se articula a partir das relações que o professor Sebastião-Acauã estabelece com alunos/as e pessoas da comunidade, compreendendo-se como sujeito político e engajado na comunidade, por participar de maneira efetiva das ações comunitárias ao desenvolver atividades de cunho social, que o coloca numa condição de ter o des-velamento do ser-docente pelo lugar do engajamento comunitário e produção de uma consciência social desencadeada de suas possibilidades subjetivas e intersubjetivas de relacionar-se com seu espaço de vida.

As condições dadas na realidade de vida de Sebastião-Acauã se apresentam como convocativas de um ser-docente presentificado através das formas de ser-viver-na-roça que o envolve num enlace instituído pelas proposições de um coletivo que enreda as pessoas do

lugar a partir das formas como habitam a roça e se envolvem entre si para significarem suas existências. Esse envolvimento com as pessoas da comunidade vai se constituindo como parceria que se fortalece em proposições de reciprocidade entre a escola e as pessoas da roça, como condição de troca de conhecimento entre professores/as, alunos/as e comunidade, como é o caso das atividades que Di-Acauã desenvolve na propriedade de dois irmãos que já foram estudantes dessa escola e, atualmente oferecem seu espaço para que sirva como lócus de aprendizagem, possibilitando que os/as alunos/as conheçam maneiras de viver e fazer na roça.

[...] a gente desenvolve atividades voltadas também para a roça, a gente valoriza esse espaço porque os alunos vem da roça, então a gente sempre dá exemplos, promove aula de campo voltada para essas questões. As aulas de campo que já fiz com eles foi lá no entorno da escola, em fazendas. Teve uma aula de campo que foi um espetáculo, foi a que aconteceu lá na fazenda de Aduato e Ailson, são dois irmãos que praticam a agricultura familiar de uma forma bem simples e bem proveitosa, lá a gente tem alguns exemplos de sustentabilidade como o biodigestor que eles têm para produzir o gás com esterco do gado, então eles produzem o gás e cozinham. O gás que eles utilizam lá não é o que compram na cidade. Eles têm o biodigestor, aí eles utilizam esse esterco produzido pelo gado, tem todo aquele processo até a transformação daquele gás para ser usado para a família cozinhar. Então quando os alunos veem isso bem de perto, é gratificante e também eles participam. Quando a gente foi lá levar na ordenha, ver ali o leite, eles já sabem porque eles moram na roça, mas talvez os pais deles fazem a ordem manual, muitos deles, mesmo morando na roça, não conheciam essa ordenha mecânica, então levei eles até esse lugar e eles puderam aprender muita coisa. Eles explicaram tudo sobre o plantio da palma, foi muito bom, lá tivemos almoço, lanche. (Di-Acauã, Entrevista narrativa, 2020)

Conforme as narrativas da professora Di-Acauã, compreendemos que há uma preocupação em promover aulas que tragam a realidade de vida dos/as alunos/as como mote para discussões na disciplina de ciências, uma vez que, a valorização de propostas contextualizadas se torna um princípio da docência em escolas da roça, estando muito presentes nas concepções sobre práticas pedagógicas que se apresentam como espaço de desenvolvimento de aprendizagem significativa.

Então, o fazer docente dessa professora segue esse curso de cultivar os espaços de vida, tomando o conhecimento que a disciplina de Ciências apresenta, somado às boas práticas de cultivo que as pessoas da comunidade já desenvolvem. Todo esse fazer docente desenvolvido pela professora Di-Acauã tem forte influência dos modos como habita a roça, trazendo a presentificação de seu ser-na-roça para as propostas de uma vida cotidiana na escola, deixando transbordar em sua prática decorrências das significações que produz a experiência de ser-docente, desencadeada pelo campo de uma circunvisão que vai sendo ampliada a partir de uma ruralidade da presença que a afeta e con-voca seu ser-na-roça.

Ampliar horizontes sobre a realidade de vida na roça e no espaço habitado é uma maneira de construir entendimentos sobre o espaço e as vidas que se instituem nele, para além da visão e estereótipos que, ao longo dos tempos, foram sustentados por pessoas que não viveram e nem habitam a roça.

Neste sentido, a docência na roça vai sendo produzida conforme as demandas do lugar e compreensão de professores/as da roça em relação ao campo de circunvisão que cada um/a conseguiu construir a partir da con-vocação que faz do ser-na-roça, promovendo possibilidades de re-significação da roça para as pessoas mais jovens que vivem nesses espaços, de modo que, essas pessoas possam encontrar maneiras outras de valorização das atividades que se articule em torno do cultivo do espaço de vida e, possam produzir modos diversos de habitação da roça que se des-vela pelas condições de abertura e clareira que cada pessoa se faz.

Diante disso, os resultados parciais desse estudo indicam que habitar a profissão docente na roça requer um movimento de constituição contínua do *ser-com*^[7], a partir da presentificação das ruralidades que habitam os/as docentes em seus pertencimentos, em suas trajetórias e narrativas.

Referências

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PINEAU, Gaston. Narrativas autobioformativas. In: SOUSA, Elizeu Clementino de; DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri; GONÇALVES, Marlene. Gênero, diversidade e resistência: escrita de si e experiências de empoderamento. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 11-16.

AUTOR, 2011.

[1] Autor (2011) apresenta a categoria roça como uma ruralidade própria dos territórios situados na região do sertão da Bahia por considerar uma semiótica da terra a partir de uma perspectiva geográfica e social de quem mora nesses espaços rurais.

[2] Estamos tomando esse termo como possibilidade de possibilidade da manifestação do ser-sendo no ente que se mostra como abertura para o ser.

[3] Esse termo foi construído a partir das discussões realizadas com base nos escritos de Heidegger (2015), para pensar como a presentificação do ente constitui o ser-na-roça conforme o que vai se dando na vida dos sujeitos que habitam os territórios rurais instituídos nos modos de ser-viver-na-roça.

[4] Este termo foi construído a partir dos modos de ser-viver-na-roça, se colocando aqui como um constructo que tem inspiração na proposta de ser-sendo (HEIDEGGER, 2015).

[5] O termo autobioformação é reorganizado por Pineau (2016) que desmembra a palavra (auto)biográfica, tendo *gráfica* substituída por *formação* e a retirada dos parênteses de (auto) com o intuito de emancipar as narrativas da base do *gráfico* para pensar possibilidades de superação de um grande desafio: pensar a formação docente parametrizada na “formação da vida e de sua própria vida por si mesmo” (PINEAU, 2016, p. 11).

[6] Reiteramos aqui que os nomes dos/as docentes narradores/as na pesquisa são fictícios, atendendo às orientações do Comitê de Ética na Pesquisa.

[7] Este termo é apresentado aqui, pelo lugar da compreensão de que sempre somos com o outro e nos fazemos com esse envolvimento do ser-com.